O Gaiato

PORTE PAGO

*Quinzenário * 5 de Maio de 1979 * Ano XXXVI — N.º 917 — Preço 2$50*

Propriedade da Obra da Rua — **Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes** — Fundador: **Padre Américo**

Os Direitos da Criança

V — «A criança, física, mental ou socialmente diminuída, deve receber o tratamento, a educação e os cuidados especiais que o seu estado ou a sua situação necessitam.»

Necessitar é um verbo forte. Diz respeito ao ser, às exigências do ser. Toda a pessoa tem direito a ser. Não é uma mera existência, por acaso, ao acaso. É imagem de Deus, mesmo quando não são evidentes os traços de semelhança com a Inteligência Infinita, com a Beleza Infinita. Faz parte integrante de um Plano misterioso que as inteligências finitas não alcançam nem são capazes de explicar. Porque não nascemos todos física e mentalmente escorreitos? Eis uma interrogação que se põe constantemente. Às vezes há explicações naturais. Podem encontrar-se causas na vida das gerações antecedentes. Mas quantas mais, temos de ajoelhar diante do desconhecido, para que a Fé nos não deixe vacilar no conceito de Bondade Infinita que Deus é!

Seja qual for o grau de deficiência, ela diminui as faculdades, sim, mas não invalida a pessoa. Há sempre um conteúdo de humanidade que resta e nos impõe respeito por aquele ser diminuído, mas detentor de uma personalidade própria. Estou a lembrar-me do Manuel Songa, que veio de Angola e passou alguns anos connosco antes que fosse recebido no Asilo Psiquiátrico onde agora está. Amente, não sabemos se congénito, se em consequência da instabilidade que as loucuras dos homens ditos normais produzem. Um dos casos mais pesados que conhecemos. Pois o Manuel foi capaz de estabelecer uma relação extraordinária de amizade com o Ti João «Manco», outro diminuído, que até à morte trabalhou connosco e nos deixou muita falta e profunda saudade. Tal amizade que, após a morte de Ti João, Manuel não mais foi o mesmo. Ele que trabalhava às ordens do Ti João, com os «Batatinhas», em relação à maioria dos quais decerto era mais novo em idade mental; ele que era eficiente e parecia crescer em sociabilidade — regressou ao estado em que chegara, perdeu totalmente o equilíbrio, o que nos forçou a urgir o seu internamento. Ti João, manco, analfabeto, possuia uma ciência rara entre os homens: a de ajudar alguém, diminuído como o Manuel, a ser até ao limite da sua capacidade humana. Ele não lhe entretinha a existência, dava-lhe razão de ser, a ele; e tornava-o para a comunidade um ser aceitável no seu seio. A sabedoria, o poder que Deus dá aos Humildes!

Mas não era esta a única amostra de validez do Manuel Songa. A sua bondade, a sua alegria, a sua comunicabilidade. Ria-se muito quando via alegres os companheiros. Parece que apreciava, então como mais velho, as traquinices dos pequenitos. Afligia-se com qualquer pequeno mal que lhes acontecia. Se os via a chorar, amelgava-os. Não lhes sofria o nariz sujo: o seu lenço funcionava a cada instante a limpar o rosto de cada um. Repartir, para ele, era um verbo fácil de conjugar na prática. E havia muitas vezes na sua face um sorriso triste, que parecia

Cont. na 4.ª pág.

AQUI, LISBOA!

«Os miseráveis de hoje, frequentadores da taberna, habitantes da prisão, aninhados nos albergues — todos estes indesejáveis foram ontem crianças graciosas, sem carinho, nem conselhos de ninguém.» (Pai Américo)

«A criança vale como criança que é e não apenas como **adulto potencial»**, diz-se na Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa a propósito do Ano Internacional da Criança. Por ela escrevemos estes apontamentos, sem esquecermos, todavia, o seu futuro e o Homem que há em cada ser gerado.

A Sociedade Anti-Alcoólica anda empenhada numa meritória campanha contra o alcoolismo. Daqui nos regozijamos com o facto. É que, por experiência própria, sentimos a gravidade do problema. Muitos dos que chegam até às Casas do Gaiato são vítimas dos desmandos a que leva o abuso do álcool, quer no plano pessoal quer no social. Muitas das famílias são destruídas pelo excèsso de bebidas consumidas. As separações e os divórcios, com abandonos ou situações equivalentes, têm aí a sua raiz primeira. Os débeis mentais e as crianças cerceadas nas suas potencialidades físicas e psíquicas são, não raro, filhas de alcoólicos. A falta de cultura e de instrução, por outro lado, leva em muitos casos a autênticos crimes, como o de alimentar bébés com sopas de vinho ou encharcar de bebidas crianças de tenra idade. Os filhos de alcoólicos conhecem-se à distância, em geral e, com frequência, foram-lhes criadas, à partida, situações irreversíveis. Por respeito e delicadeza nos esquivamos a concretizar alguns dos muitos casos vividos.

Portugal é, segundo as estatísticas, o segundo País da Europa em percenntagem de alcoolismo. Em França, que ocupa o primeiro lugar, a colónia

Cont. na 4.ª página

A casa-mãe da Casa do Gaiato de Lisboa.

FESTAS

● Quando esta notícia chegar a vossos olhos já o grupo do Centro anda em Festa por esta região.

Como nos anos anteriores os donos das Casas e os Amigos mais responsabilizados foram os mesmos braços abertos. Confundem-nos de amizade.

Tivemos de alterar horas por via dos estudos dos festeiros, pois quase todos estão matriculados. Fundão, Castelo Branco e Figueira da Foz terão Festa à tarde. Estamos convencidos de que todos aceitarão bem.

Como sempre serão encontros e horas de muita felicidade. Convívios de alegria, paz, graça e amor. Todos dão. Ninguém se nega. O egoísmo não pode entrar.

O «Lita» anda num alvoroço. Seus deveres escolares querem tomá-lo completamente. Mas ele divide-se e faz andar o programa. E vai ser tudo tão encantador!... Os mais pequeninos vão dominar. Eles são um palco cheio. É este o Ano Internacional da Criança!...

Vinde vê-los e vamo-nos encontrar em Festa.

Padre Horácio

● Com a repetição da Festa no Coliseu, que será já no próximo domingo, dia 13, às 18,30 h, cumpriremos a grande peregrinação pelo norte do País e damos uma boa oportunidade a todos os nossos Amigos do Porto e zonas suburbanas, como àquela assinante da rua das Mercês, que nos abordou recentemente:

«E a respeito de Festas, como estamos?

Sempre haverá, este ano, Festa à tarde no Coliseu Porto?

Continua na QUARTA página

PELAS CASAS DO GAIATO

Tojal

«Além dos padres, podem pertencer ainda à Obra, em sentido estrito:

(...) Aquelas Senhoras, ou outras pessoas, que deixaram tudo para se darem e gastarem ao serviço da Obra, sem esperança de outra recompensa senão a de Deus.»

A Obra é pobre por natureza e, de certo modo, por vocação. Mas no passado dia 31 de Março ficou mais pobre; sobretudo a Casa do Tojal. Como alguns Amigos já sabem, faleceu a Senhora D. Virgínia, a «Avó», como muitos a conheciam e os nossos a tratavam.

Pouco tempo depois da morte de seu marido, por quem nutriu sempre o maior respeito e uma eterna saudade, resolveu dedicar a sua vida à Casa do Gaiato.

Num desprendimento total das coisas do mundo, e possuidora duma fé inabalável, a sua vida foi um testemunho perene do que é dar a vida pelos Outros. Atestam-no os muitos gaiatos que passaram por esta Casa para quem Ela foi a Mãe que lhes havia faltado. E ainda era.

Simples e pouco letrada, como é próprio das pessoas grandes vindas do Povo, era dotada duma inteligência que causava admiração e um espírito fortemente penetrante. Tinha sempre a percepção suficiente para, com discrição, fazer uma admoestação ou dar um conselho, de forma muito maternal, a alguém em necessidade. Estão nestes caso os próprios familiares que encontraram sempre nela o amparo e o carinho necessários para transporem alguns obstáculos na sua vida. Aliás, eu próprio atesto esse facto. Não direi ao longo dos 13 anos que convivi com ela, mas mais últimamente, tempo em que as relações tomaram um aspecto de mais responsabilidade e em que houve em certas alturas um trabalho de equipa. Isto, para além dos carinhos e mimos que recebi da sua parte numa ocasião em que poderia parecer a outras pessoas descabida a ocorrência de tais factos.

Estava a Senhora, últimamente, bastante diminuída, físicamente, em consequência de um enfarte do miocárdio, ocorrido havia 16 meses. Todavia não lhe faltou nunca a força anímica que a impelia ao trabalho. Talvez seja este o facto principal «culpado», segundo penso, do abalo repentino que a vitimou. Assim, continuava a ser a coordenadora duma parte importante da vida da Casa. Ela própria confessara pena de não dispor de forças para criar mais alguns «netinhos». Como esta, outras tristezas lhe iam no coração, sinónimo de uma mortificação completa. A entrega total.

Faltou-nos alguém muito grande. Um lugar ficou vago na Messe do Senhor que Ele certamente se encarregará de preencher. Porque a presença delas, das Senhoras, é indispensável nas nossas Casas. A recompensa será a apontada no início e da nossa parte a retenção na memória de quem nos deu (der) o melhor de si própria. Tudo faremos por voltar a merecer a distinção de «predilectos gaiatos».

PEDIDOS — «O Pobre é quem melhor comprende e mais ama!»

Voltarei a tocar nesta tecla a propósito de algo que se passou comigo. Por agora quero apenas agradecer os donativos já recebidos com destino ao torno mecânico que estamos em vias de adquirir. Porém, o seu valor ronda os 600 contos. É muito dinheiro, o qual esperamos conseguir com a vossa ajuda; com a ajuda dos Pobres.

Jorge

Paço de Sousa

PÁSCOA — A preparação da Semana Santa sofreu uma alteração simples por causa da Festa em Espinho que foi na Quarta-Feira Santa. Como os «artistas» chegavam cansados e de madrugada, tinham que dormir até mais tarde. Neste caso, a costumada celebração penitencial passou para a manhã de Quarta-Feira Santa e na Quinta, como já é costume, após a Santa Missa, os Pobres da Conferência Vicentina jantaram connosco.

Na Vigília Pascal, foram baptizados dois pequeninos nossos, de Lisboa. Os padrinhos foram o Costa e D. Maria Angélica, o Pires mai-la Paula, filha do Quim carpinteiro.

O grupo coral tinha andado a ensaiar uns cânticos novos para o dia. A maior parte é gente pequena e como a hora da cerimónia para eles já era um pouco tardia, depressa lhes começou a aparecer o sono e os cânticos que estavam bem ensaiados foram um fracasso!

No fim, houve o característico cacau com sandes que serviu de pequeno-almoço, para que pudéssemos descansar no dia seguinte até ao meio-dia.

No Domingo de Páscoa o nosso Conjunto tinha programado uma exibição e juntamente tinha montado e posto a funcionar um bar onde foram vendidas cervejas e sumos com sandes de acompanhamento. De três grades de cada bebida e de uma meia centena de sandes, nada ficou!

Vieram até nós muitas pessoas de fora e foi o que fez com que o bar ficasse totalmente depenado.

Objectivo da festa: angariar fundos para a secção musical.

No meio de tudo, as amêndoas eram chupadas pelos nossos pequenitos que no dia seguinte já nada tinham. Foi uma festa muito engraçada e cheia de alegria.

COLISEU — No dia 19 de Abril estivemos em grande forma no Coliseu do Porto e voltaremos no dia 13.

A Festa decorreu com aplausos e risos — o que mais nos satisfaz. Nós gostamos de fazer os respectivos papéis sabendo que o público está a corresponder.

O prato forte foram os «Batatinhas», recebidos com muitas palmas e muitos saquitos de guloseimas que, a maior parte, saboreou sôfregamente.

A nossa Comunidade de Paço de Sousa esteve presente a fim de retribuirmos as visitas que os nossos Amigos nos fazem durante o ano.

Agradecemos o calor que todos nos dispensaram e também as guloseimas, roupas, dinheiro, etc., com que nos quiseram presentear.

Não podemos deixar de agradecer à Empresa Artística do Coliseu que nos abriu as portas como sempre, e à Fraga-Rádio, prontos a ajudar-nos naquilo de que nós precisamos. Um obrigado muito amigo a todos e no próximo dia 13 de Maio, pelas 18,30, lá estaremos novamente no Coliseu do Porto.

Desta vez não irá toda a nossa Comunidade, só os artistas.

MÚSICA — Não temos feito eco, últimamente, nestas colunas, dos instrumentos. Pois bem, entre muitos donativos que temos recebido de vários lados, queremos salientar a presença habitual de um sr. Padre, natural de Ovar, que por estes dias Pascais nos enviou a bonita soma de vinte mil escudos para a compra de algum instrumento.

Com este já faz a soma de cem mil escudos em ofertas suas para o Conjunto. Sinceramente, não sabemos como agradecer-lhe. Nem nós saberíamos como, o importante é que o Senhor vê e segue os seus passos. Lá estará Ele para fazer os agradecimentos.

BIBLIOTECA — A nossa biblioteca está agora a cargo do Costa que tenta formar uma pequena discoteca para os tempos livres das tardes chuvosas de Inverno. Apesar de já ter escrito para algumas casas da especialidade, muito poucos discos conseguiu arranjar.

Vá, se algum Amigo por aí tiver que nos possa ceder, o nosso agradecimento antecipado.

TELEVISÃO NOVA — Os pequenitos da casa 4 de baixo andam muito entusiasmados com o seu novo aparelho de televisão.

Por acaso, passei por lá e ao vê-los tão agitados, perguntei o que se passava. Soube logo que era a televisão nova que tinha chegado. Fui ver. O «Lourinho» foi quem se ofereceu para me explicar como funciona o aparelho. E que bem dava ele conta do recado!

— Aqui é da música. Ali é do escuro e do claro, etc.

Eu disse que nesse mesmo dia iria assistir ao programa de televisão ali e ele respondeu logo com um ar de autoridade:

— Aqui só vemos nós, os mais velhos «afiam». É que quando nós não tínhamos televisão e queríamos ver na vossa sala, vocês não deixavam...

Claro está. Como eles são pequenos, quando o programa não lhes interessava, punham-se logo a brincar e a fazer barulho, distraíndo assim alguém que queria ver o programa. É uma das razões por que eles não iam ver televisão para a nossa sala. Mas eu calei-me e não respondi.

AULAS DE ESTÉTICA — A nossa tipografia tem andado em grandes obras. Devido a isso a nossa antiga sala de aulas está agora com livros, jornais, etc., até o escritório estar pronto.

As nossas aulas, agora, se bem que um pouco incómodas são dadas numa das das secções de trabalho. O Armando continua com o mesmo trabalho de nos preparar e elucidar sobre qualquer problema que surja na nossa profissão. Já temos alguns quadros pintados no decorrer das aulas e brevemente contamos fazer uma exposição dos mesmos.

Entretanto, com as Festas, alguns não têm podido assistir às aulas pelo que a turma tem andado um pouco desfalcada. Temos também alguns linóleos feitos e agora tem-se andado a tirar umas provas de máquina para arquivo e para uma possível exposição de trabalhos.

Depois, daremos notícias da data combinada.

«Marcelino»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

AUTO-CONSTRUÇÃO — Os Auto-construtores, mau grado o custo dos terrenos, dos materiais, de tudo, e por causa da omissão das entidades oficiais que, até agora, não construiram, por cá, moradias ditas de renda económica — esta zona é já um *dormitório* do grande Porto... — os Auto-construtores, dizíamos, fazem *loucuras* que são fantásticas lições das potencialidades do nosso povo.

— Como vê — diz-nos um deles que anda para a frente — as casas do Estado são feitas só lá prá cidade. Nós, aqui, estamos à espera. Mas quem casa quer casa... De maneira que temos de furar. Os terrenos é o que a gente sabe... Pró conseguir é um case sério. Depois, plantas, licenças, projectos, dias de trabalho perdidos nas repartições, até por causa dos requerimentos, do empréstimo da Caixa, se ele vier... A gente fica desnorteado com tudo isto! Mas, como não há casas e as rendas são caríssimas, temos de nos mexer. Assim, construindo, a gente não paga renda. E a casa é nossa, feita por nós...

Esta afirmação de um deles, que anda para a frente, é mais ou menos idêntica à de muitos outros. O Auto-construtor levanta a sua moradia quase sem apoios!

Ultimamente, temos seguido, com discreção, a construção de mais uma moradia. Toda a família é um grupo: pais, irmãos, primos, toda a gente trabalha! A dona de casa, enquanto o homem está na fábrica, lá para os arredores do Porto, vai fazendo o necessário. Normalmente, serviços aos quais a mulher não se dedica!

O nascer desta bonita moradia tem sido um quadro maravilhoso, como a entre-ajuda das formigas!

O telhado chegou ao fim. Já entregámos o incentivo. É nada. Sim, que são cinco contos?! Mas aquele «nada» representa muito. Exactamente porque se dá a mão. E é isso que o Auto-construtor precisa: de quem lhe dê a mão, de quem o ajude na caminhada, até ao fim.

PARTILHA — 250$00 de Rio de Mouro. Assinante 5687 com 100$00 «respeitantes ao primeiro trimestre do ano» corrente.

Mafra, idem. Façamos uma paragem. Vem aí o Óbulo da Viúva:

«Mais 100$00 para um casal idoso. É uma pequena gotinha de água. Quisera enviar mais, mas sou viúva. Vivo de uma pequena pensão de meu marido e, de boa vontade, chega para distribuir por quem menos tem. (...) Estou viúva há 35 anos e conto 81 e vivo sózinha.»

Cinquenta escudos de Sassoeiros. 500$00 e 1.000$00 em nosso Lar, no Porto. Mais uma nota grande de Moselos, da assinante 7509. Lisboa 100$00 — de quem ainda não pode escrever directamente por motivos de saúde — «pequena migalha para a Páscoa dos nossos Irmãos mais pobres». Estremoz, 150$00 e mais, que faz muito jeito, acrescentando: «Se todos os que podem se lembrassem dos que nada têm, como seria bom!...» Odivelas com «um pequeno donativo (100$00). É pouco mas é de boa vontade e dentro das minhas posses, porque tenho tido o meu marido doente». O vale do costume, da rua Pascoal de Melo (Lisboa): «Vai aumentado de 50$00 (são 350$00), pois estamos na Páscoa...»

Mais uma anónima de Estremoz com 400$00. Metade de velho Amigo, de Ovar, pedindo orações por alma da esposa. Assinante 18127, de Algures, 250$00 «para melhorar um pouco o almoço de um Pobre no dia da Ressurreição do Senhor».

Assinante 9790 traz sempre Mensagem:

«Envio um cheque de 500$00 para as despesas da Conferência. O anonimato habitual por favor.

E nesta Páscoa ouso pedir uma oração ao Céu para que todos nós ressuscitemos para a Graça e assim o Bem se espalhe por todo o Mundo.»

Rua das Amoreiras, Lisboa, 300$00, «minha ajuda de Março e de Abril e mais 100$00 para ajuda de comida para alguém mais necessitado. E é tão pouco...»

Assinante 24119, do Porto, 100$00 «para os Pobres». O dobro de Fundão «com um abraço amigo» que retribuimos com muita amizade.

Em nome dos Pobres obrigado.

Júlio Mendes

Calvário

PÁSCOA — Vitória da Vida sobre a morte. Apesar das nossas limitações em relação a um tão grande mistério, nós procurámos viver em união com a Igreja viva e actuante, o verdadeiro sentido da Morte e Ressurreição de Cristo.

Durante os Domingos da Quaresma revivemos o drama da Via-Sacra.

Na Semana Santa, procurámos inserir-nos no seu significado profundo. Não de palavras mágicas que seduzem ou criam em nós sómente ilusão. Mas, isso sim, regozijar-nos por Cristo não se afastar de nós.

Tivemos, nesta Páscoa, a certeza

Do que nós necessitamos

Amigo de Ermesinde, com suas notícias e 16 notas de mil. Por alma de Francisco Joaquim, 1.000$. Da Paróquia do Coração de Jesus, Carvalhido, 500$. De Olhão, 1.000$ para intenções de Missas. Duzentos escudos de anónimo de Espinho. Em cumprimento duma promessa, 500$ do Porto. Mais 1.000$ do Porto. E 500$ por alma de Adelino Manuel Valente. De Fiães, jogo e caramelos para os nossos «Batatinhas». Cem escudos do Porto. Com muito amor e dedicação, camisolas feitas por Nazaré. Da Praça do Comércio, em Lamego, 100$. De Maria Laura, as mensalidades de 700$ de Fevereiro e Março. De um casal que nos visitou, no dia 19 de Março, 10 contos e dois pacotes de rebuçados.

Da Senhora da Hora, 2.280$, numa festa em homenagem a Pai Américo, em que estivemos representados por dois dos nossos miúdos. De Mesão-Frio, 200$. Mais cheque de 7 contos, da R. António Cardoso. E 1.000$ de Faro, em cumprimento duma promessa. Duzentos escudos por alma de Fernando Xavier e António Soares. A mensalidade de 100$ em selos do correio, da Amadora. Ass. 33451, com 2.500$. Pedindo uma oração pelos seus estudos, Fernando Manuel envia 100$. Roupas de Ílhavo. Vinte escudos de Ois da Ribeira. Cem por alma de Joaquim Amarante. Por uma graça obtida, 500$ de Georgete. Mil e cem escudos de «uma mãe que muito ama a Obra da Rua». Do Porto, anónimo amigo com 250$: «Para as necessidades cada vez mais prementes dessa Obra — uma das oitavas maravilhas do Mundo Cristão». E cheque de 500$, de «uma Vianense».

Donativos de 1.000$, dum anónimo da freguesia de Joane — Famalicão. E 100$ em sufrágio de Rosa Cardoso. Mais 700$, silenciosos como sempre, de Valadares. Mil escudos de «uma Alentejana». Cento e cinquenta por alma de António Francisco. A muita amizade e carinho dos Avós de Sintra e 200$. Vestuário de Cascais. Duzentos escudos em selos de correio, da Guarda. Mil escudos do Porto. Clara e José Flores, com 70$ mensais. Sufragando a alma de Francisco Oliveira, 100$. De Castelo Branco, 100$ em memória de João Augusto. Mais 2.000$ de Lisboa. Por uma graça concedida, 1.000$ do Porto. Cem escudos de Ílhavo. Igual quantia de Mangualde. Dois mil escudos de Feira Nova. E 1.000$ de Águeda, de Sabino Figueiredo.

Por intermédio do jornal «A Ordem», cheque de 8.209$, de um sacerdote do Canadá. Três presenças de 150$ com legenda: «A lembrança que a minha gratidão não esquece». Do Monte Estoril, assinante com os 100$ habituais. Duzentos escudos por alma de Olinda e Manuel Barbosa. De Cinfães 4.620$, ofertório da Missa, aquando da nossa Festa lá. Amiga do Henrique com 1.850$. De Caldas da Rainha, e em comemoração do 80.º aniversário, cheque de 5 contos. De Rio Tinto, 500$. Ass. 16264, com 600$ a dividir pelo Calvário. Dum monge beneditino a trabalhar no Brasil, 1.500$. Cheque de 2.000$ da Comissão de Moradores de Ramalde — Porto. Por uma graça obtida, 4.500$ de Oliveirinha. De Lisboa, 100$ pedindo um Pai-Nosso «para que a Paz regresse à minha casa». Deus o permita!

Cinco contos dentro de carta, entregues no Espelho da Moda: «Não interessa identificar-me, sou alguém a quem sobra dinheiro daquele que obtém pelo seu trabalho e que sente a obrigação de o repartir pelos Outros, por amor de Deus». Da ass. 25597, 5.000$. De Ermesinde, 1.000$. Roupas de Coruche. Mais vestuário, calçado, guloseimas e 140$ de visitantes de Aveiro. Duzentos escudos de anónimo. Medicamentos de Estarreja. Mil escudos por alma de Balbina Baptista. Mais 300$ em cumprimento duma promessa. Mil e quinhentos escudos de anónima de Coimbrões. Dois mil escudos de Linda-a-Pastora. E 500$ de Amarante. «Para o que for mais necessário», 5.000$ de Rio Tinto. De Lisboa, vale de 500$ e «tenho pena que o bolso não possa ouvir o que o coração deseja».

De Évora 100$, «em acção de graças por algo que Deus nos concedeu». No aniversário do falecimento de Isabel Andrade e Joaquim Andrade, 100$. Cheque de 600$ da Praia da Granja. Mais 100$ da Figueira da Foz. De Gavião (Famalicão), duas presenças de 10 contos, de quem pede orações. Funcionários da Marinha Mercante com 550$. Por alma de Isabel Proença, 5.000$. Mais 5 contos de um jovem que foi ao estrangeiro para ganhar uns tostões e a quem a coisa correu bem e vem connosco repartir. E dum grupo de amigos da Escola Secundária de Gouveia, dum pequeno peditório efectuado entre o referido grupo, 765$. E de Tondela, de amigo que conviveu com Pai Américo, cheque de 5 contos.

Deus vos pague e até à próxima.

Manuel Pinto

Retalhos

● **O grupo que faz a «tournée» das nossas Festas, correndo de terra em terra, funciona com a ajuda de todos. Um que se encarrega da aparelhagem sonora e da iluminação, outro da montagem do cenário, outro do guarda-roupa, outro da preparação do «farnel», etc. Assim acontecerá, mais ou menos, com certeza, em qualquer companhia itinerante, mas há funções que são características da nossa. Assim, temos alguém encarregado da recolha das guloseimas com que os nossos actores são mimoseados pelo público. Depois da azáfama que se passa no palco, com as corridas dos mais pequenos na tentativa de apanhar os pacotes de rebuçados que voam desde a plateia, está alguém nos bastidores à espera da colheita... Isto para que uns não fiquem com tudo e outros sem nada. O que foi recolhido será mais tarde distribuído equitativamente. Os rebuçados são material muito cobiçado e por isso não se podem entregar a qualquer, porque a tentação é grande. Este ano estão seguros pelo Humberto que, sujeito a uma crise de diabetes, não pode comer dos mesmos. É ele quem os guarda e não há perigo.**

Apesar do que acima fica dito, há quem não confie totalmente.

O mais novo da companhia é o Carlinhos. Tem quatro anos. Aguenta as noitadas, está sempre pronto quando é a sua vez de actuar e não deixa por conta de outros as suas preocupações. Assim, em Amarante, depois das Festas, no meio da azáfama do arrumar da tenda (uns arrumavam a roupa, outros desmontavam o cenário), havendo no ar a preocupação de que nada fosse esquecido, ouve-se uma voz firme. Era o Carlinhos com os seus quatro anos muito sacudidos:

— O que é preciso é ver se os rebuçados já foram para a carrinha!

Por toda a parte por onde a nossa Festa tem andado, temos recebido provas de carinho que ajudam a esquecer dificuldades que à nossa porta vão batendo. As palmas, as gargalhadas, as palavras de apreço, são a mola real, diria que a parte essencial do convívio que são as nossas Festas. E é tanto assim, que numa terra onde encontrámos a casa menos cheia e o público menos comunicativo (não digo que menos amigo), a Festa não correu tão bem. Por trás do palco um certo desânimo e, ao fim, já na carrinha, o pão e as laranjadas que são da praxe àquela hora, foram distribuídos com menos disposição.

● **A nossa quinta, sujeita a um início de Primavera chuvosa, andava triste. O sol parece querer agora brilhar. As árvores rebentam, as flores aparecem e tudo está mais risonho.**

A Natureza dá-nos a imagem do renascer que a todos deveria ajudar a renovar a esperança que nos faz falta. Que assim seja conosco e com todos os amigos que nos lêem.

Padre Abel

SETÚBAL

■ Páscoa. Ela é o regressar, como que o retorno dum filho à casa do pai. «Deixo-vos um Mandamento Novo: amai-vos uns aos outros como Eu vos amei». Mandamento bem exemplificado. «Amai-vos uns aos outros.» E o mundo não enxerga este mandato. Tudo o que faz de grande não é com o sentido de amar os outros. Isto é uma contradição e, no entanto, é o bem-estar de todos em causa. A vivência da Caridade dos mais velhos para com os mais novos. É o ensinar dos que sabem mais aos que sabem menos. Hoje, que todos nós tentamos falar e ordenar os Direitos da Criança, que melhor podemos fazer do que fazer-lhes compreender o Mandamento Novo? E nós adultos exemplifiquemos esta sabedoria mostrada em Quinta-Feira Santa. Outros a viverão com mais intensidade. A cada canto encontramos irmãos que precisam, que esperam que o Mandamento Novo lhes entre no cérebro, para que também se clarifiquem e vivam na paz de irmão para irmão.

■ Ontem foi domingo. Domingo de Páscoa. Eu mais os meus fomos passá-lo a Lisboa. Às portas das igrejas e dos cinemas havia pedintes. Uns aleijados, outros idosos e nem uma coisa nem outra. Ali, nos Restauradores, monte de gente fazia roda tapando toda a largura do passeio. Fui ver: uma criança deitada no chão, com uma mão a servir de travesseira e a outra entre as pernas encolhidas. Parecia dormir. Junto um género de tecido e um letreiro com letra bem feita: «Não tenho pai. Minha mãe é doente. Tenho (tantos) irmãos. Dêem-nos alguma coisa para não morrermos à fome».

Era mais ou menos este o teor. Não sei ao certo quantos irmãos eram. Não importa. O que trago aqui não é tanto a quantidade como a qualidade. O quadro tanto podia ser enternecedor como aterrorizador. A meu lado comentava-se: «Drogam as crianças e depois põem-nas aqui assim». As moedas de alguns eram atiradas pra cima do tecido. Seria pão? Seria veneno? Não to sei dizer. O que posso e isso sim, é que em tudo existe desordem. E a Criança lá está, vítima. E nós temos não sei quantos organismos criados para a defender, para julgar dos seus direitos, mais disto e mais daquilo. E onde estão? Ainda outro dia uma família (pai, mãe e filhos) usavam um slogan semelhante e diziam não quererem roubar e que tinham fome. Isto vi eu e mais tantos que passaram àquela hora debaixo das arcadas do Terreiro do Paço, ali mesmo onde entram e saem os senhores ministros dos seus gabinetes... «Amai-vos uns aos outros.» A contradição!...

Ernesto Pinto

---

de que continuamos a precisar do Ressuscitado. A Páscoa foi, e é, um augúrio de Paz. Mas também é sinal de inquietação. E não é novidade se referir o grande número de homens que negam e criticam este acontecimento transcendente para o homem. Os negadores e críticos têm envidado esforços para um esvaziar do seu sentido. A Páscoa tem de ser «qualquer coisa» que se passe com o mundo.

Tenham os Amigos vivido a Páscoa com um coração puro e sincero que, conjuntamente, teremos a grande possibilidade de sermos portadores da Fé na Verdade, podendo proclamar sem receio, estas ou outras palavras: «Novos sejam os corações, novas sejam as palavras; e novas sejam também as obras!»

CONVÍVIO — Tivemos, durante uma tarde, o ensejo de conviver com um grupo de jovens. Fez-nos bem ver o à vontade como era compartilhada a alegria. Não uma exigência forçada ou alheada da realidade deste meio. Mas uma consequência de quem busca o futuro com a certeza de que todos temos de dar as mãos e que estes Irmãos são pessoas que apreciam a sinceridade e a amizade, em especial daqueles que os amam e amparam. «É preciso tão pouco — dizia alguém — para que eles fiquem tão contentes!»

REFÚGIO... — Quando os domingos aparecem com sol, surgem pessoas por aqui. Se em grupo ou individualmente, cuja intenção é sã, nada temos a opor. De longe ou de perto já tem havido pessoas que encontram o portão fechado. Não se trata de contradizer a já bem conhecida frase de Pai Américo de que «Nós somos a porta aberta», mas chamar a atenção, mais uma vez!, que este recanto não é refúgio... para mascarar certos actos de falta de pudor e respeito por quem precisa de sossego e paz, porque de barafunda e de miséria moral saíram tantos dos que aqui estão.

É raro encontrar, nesses dias, dentro deste meio, pessoas «namoradeiras» que procurem dialogar e andar aqui com naturalidade. Não temos porteiros nem «guardas-florestais»... mas não passam despercebidos os modos de comportamento.

Não há muito tempo, aconteceu uma cena recambolesca, pouco dignificante para quem a promoveu e para quem nela tomou parte. Refúgio... sim, para quem não pode ter outro.

Até à próxima.

Manuel Simões

FESTAS

Continuação da PRIMEIRA página

Olhai que eu sou velhinha, não posso ir à noite e tenho netos que também não e temos ficado a chorar. E não somos únicos...»

Que rica petição!

Outras saídas (poucas), perto ou longe, já marcadas ou a marcar, serão em fins-de-semana, exactamente por via «dos estudos dos festeiros» — como diz acima o nosso Padre Horácio.

Não vamos sublinhar mais dados registados ao longo da digressão. Apontamos só um, muito expressivo, que nos calou fundo: a presença do Barredo na última Festa no Coliseu. Era um casal idoso. Sentaram-se na plateia pra estarem mais juntos de nós! Ele trazia, entre o braço, um boné coçado à beira-rio. Ela envergava o típico chaile e lenço. Como entraram, sairam discretamente os dois, no fim, olhos molhados, pousando na capa preta — símbolo que não esquecem... — moedas que ela tira com as mãos trémulas, vagarosamente, de uma saquita guardada no peito. Foi o maior quinhão da anterior Festa no Coliseu. Sangue de Pobres! A presença viva e activa daquela «terra de Mártires, de Heróis, de Santos» que Pai Américo amou até ao fim.

Júlio Mendes

ZONA NORTE

13 de Maio, às 18,30 h — COLISEU DO PORTO

Bilhetes à venda: Espelho da Moda, Rua dos Clérigos, 54 e bilheteiras do Coliseu

19 de Maio, às 21,30 h — Salão dos Bombeiros ERMESINDE

ZONA CENTRO

5 de Maio às 15,30 h — Cinema Gardunha FUNDÃO

6 » » » 15,30 h — Cine-Teatro CASTELO BRANCO

12 » » » 21,30 h — Salão dos Bombeiros CANTANHEDE

13 » » » » » — Teatro Alves Coelho ARGANIL

14 » » » » » — Cinema do Casino Peninsular - FIGUEIRA DA FOZ

18 » » » » » — Cine-Teatro TOMAR

19 » » » » » — Casa do Povo MIRA

20 » » » 15,30 h — Cinema do Casino Peninsular FIGUEIRA DA FOZ

25 » » » 21,30 h — Teatro José Lúcio da Silva — LEIRIA

26 » » » » » — Cine-Teatro Messias MEALHADA

1 de Junho » » » — Cine Império LOUSÃ

2 » » » » » — Teatro de Anadia ANADIA

ZONA SUL

27 de Maio, às 11 h — Cinema Monumental LISBOA

Bilhetes à venda: Franco Gravador, Rua da Vitória, 40; Lar do Gaiato, Rua Ricardo Espírito Santo, 8-r/c Dto.; Maison Louvre, Rossio, 106; Montepio Geral, Rua do Carmo, 62-2.°; Ourivesaria 13, Rua da Palma, 13.

Cont. da 1.ª pág.

portuguesa também nos oferece um quadro pouco dignificante, havendo entre os emigrantes já uma Sociedade Anti-Alcoólica. As lesões físicas e as destruições psíquicas das criaturas são factos incontroversos, que levarão ao definhamento dum Povo, se não houver os antídotos correspondentes. A marginalização das pessoas, a diminuição das suas capacidades, as afecções nas respectivas descendências e a tendência para a criminalidade, são consequências trágicas e desagregantes sem respostas adequadas. A não existência de serviços e de carreiras especializados mais faz agravar o panorama. O alcoólico ainda é tratado como se de doente mental se tratasse...

«Saúde da Criança, futuro do Mundo» é a chave da actividade para este ano do Serviço Mundial de Saúde. Combater o alcoolismo, esclarecendo e educando as pessoas, sobretudo os futuros pais, é um serviço altamente relevante às futuras crianças. Ver o problema nas múltiplas dimensões que encerra, morais e sociais, individuais e colectivas, é uma exigência para todos nós. «Mais vale prevenir do que remediar», diz o Povo. Esclarecer as pessoas; regulamentar a venda de bebidas e a abertura e o acesso aos locais onde se consomem; criar centros especializados próprios para o combate ao alcoolismo; ter em atenção a questão dos tempos livres, em particular dos nossos trabalhadores, pela criação de centros de convívio adequados, eis algumas questões a encarar sèriamente. Tudo, porém, será em vão se não mudarem as mentalidades. Quem escreve estas linhas é do tempo em que não se podia beber leite, por exemplo, num café ou numa casa de fados. É que, na altura, para se ser homem, era preciso entre outras coisas, beber vinho e embebedar-se... Hoje, já não será assim, mas há outras facetas não menos agradáveis, como é a do uso excessivo de bebidas pelas mulheres, só para serem «iguais» aos homens, mesmo nos períodos de gravidez!

Em defesa das Crianças e não só, escrevemos estas linhas, sem pretensões de profundidade ou de esquematização. Prouvera a Deus que surjam condições de vida, materiais e espirituais, que tornem possíveis os cuidados e as atenções a que a criança tem direito. E, já agora, tão habituados estamos a ler e a ouvir que os problemas deste País se resolvem muitas vezes, nas almoçaradas e jantaradas bem nutridas e melhor regadas, que os responsáveis, na sua equação e solução, sejam ao menos moderados, se não tão radicalmente abstémios.

● Sem comentários, transcrevemos «ipsis verbis» uma circular espalhada numa grande Empresa dos arredores. Oh gente! Eis:

«Quem somos nós, pouco importa... Porque somos nós já importa... Mas quem somos nós que pouco importa?

Somos um grupo de seis, três rapazes e três raparigas que, trabalhando na mesma empresa, numa das tantas empresas espalhadas pela periferia da grande Lisboa, se reconheceram utentes dum ideal comum:

«Fazer bem aos mais desfavorecidos, àqueles que nasceram do outro lado da sorte».

O fermento estava encontrado — era necessário deixar a massa levantar.

Na nossa empresa trabalham junto de nós cerca de 400 pessoas.

As palavras eram a grosso modo: esferográficas, valores selados, computadores, parafusos, chaves de fendas, requisição de peças, em suma, aquilo a que vós que trabalhais numa casa de comércio ou indústria estais habituados a ouvir.

O nosso fermento não pode «cobrantar». Há que fazer algo para fugir à metamorfose maquinal, há que enjeitar a ideia de que o Estado é que tem que tomar conta de tudo, pois se esta é uma verdade irrefutável, não podemos, porém, esperar pela redenção do Estado.

Há quem faça bem por vontade ou por vocação, mas há também quem o deturpe e isto lemo-lo ainda há pouco neste jornal.

O nosso grupo, reconhecendo o duplo carácter do acto, mas consciente do seu propósito, não desanimou. Conhecedor do habitat onde trabalha, lançou a ideia de se ajudar a Casa do Gaiato e, como diria alguém, os monstros adormecidos acordaram.

A nossa gente parece que estava ávida por dar a quem de facto necessitasse.

As conversas mercantilistas mudaram um pouco no quotidiano e os Gaiatos de Santo Antão do Tojal, estamos certos disso, também mudaram algo no seu quotidiano. Mas este linear artigo, que pedimos o favor ao «Gaiato» de publicar no seu jornal, não procura dizer quem somos, mas porque somos.

E porque somos?

Porque somos cristãos, porque sentimos as dificuldades de tanta gentinha, nomeadamente a destes Gaiatos, porque sabemos que têm algo de si para dar, porque sabemos que você pode fazer na sua empresa aquilo que nós fazemos na nossa, porque sabemos que, se esta tarefa for aceite também por si, os Gaiatos, sejam eles quais forem, poderão sorrir mais.

O Padre Américo dizia que «a Torre de Babel não chegou ao Céu por ser errado o caminho que levava; a Obra do Gaiato da Rua sim».

C. M.»

● Torno. Está a chegar, porque encomendado. São cerca de 600 contos! Recebemos já algumas respostas aos nossos «recados» anteriores, mas ainda falta muito. Não nos deixem ficar mal. Continuamos a acreditar.

Padre Luiz

AQUI, LISBOA!

OS DIREITOS DA CRIANÇA

Cont. da 1.ª página

uma acusação a um mundo imensamente menos puro do que ele.

Temos saudades do Manuel. Pudéssemos nós tê-lo... Que nem melhor está ele agora aonde está! É que não basta sustentar-lhe a existência até ao limite dos seus dias. Ele tem direito a ser na medida das suas capacidades, tão pobres na linha da inteligência quão ricas na da bondade. Mas onde os pedagogos desta espécie... como o Ti João «Manco»?

Eis um campo quase virgem, à espera de quem o torne fértil. Entre nós, pelo menos, é um campo desolado. Infecundável só pelas técnicas e pelos técnicos, se estes lhe não juntarem paixão.

A Declaração Universal dos Direitos da Criança tem alma. Ela não é pela raça eleita, pelo puro sangue, com eliminação, mais ou menos adoçada, dos menos perfeitos. A criança, física, mental, ou socialmente diminuída existe de facto e tem direito a existir. Mais: tem direito a ser. Por isso necessita **do tratamento e da educação e dos cuidados especiais que a tornem válida tanto quanto possível. Para ela será o caminho da sua própria realização, a condição de ser. Para a sociedade maior a que pertence, uma valorização, um enriquecimento de consequências maravilhosas. É uma** necessidade. **Ora se as necessidades têm de ser satisfeitas, como geralmente se pensa, porque esperamos? Não o digo primàriamente aos responsáveis da Coisa Pública que têm muitas ninharias, muitas tricas mesquinhas com que se entreter. Dirijo-me à consciência do Povo, do qual hão-de surgir os apaixonados por esta santa causa, necessária à prosperidade, a uma paz mais autêntica, a colher pelas gerações futuras.**

Padre Carlos

Gaiato

Director: Padre Carlos *Chefe de Redacção: Júlio Mendes*

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285

Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem: 38.200 exemplares